

humanitas



Vol. XXXV-XXXVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XXXV-XXXVI



MCMLXXXIII-MCMLXXXIV
C O I M B R A

H. D. JENNINGS, **Os Dois Exílios. Fernando Pessoa na África do Sul.** Porto, Fundação Engenheiro António de Almeida e Centro de Estudos Pessoaanos, 1984, 214 pp.

Este trabalho ganha em ser lido após o de Alexandrino E. Severino, recenseado atrás, de que se torna uma espécie de complemento.

H. D. Jennings trabalhava na preparação de um livro (1) sobre a escola secundária que Fernando Pessoa frequentara na África do Sul, quando em Maio de 1965 respondeu a uma carta de Alexandrino Severino que escrevera ao Director da escola, a fazer indagações sobre Pessoa. O Head Master da Durban High School passou a carta de Severino às mãos de Jennings. A resposta deste pode ver-se em Alexandrino E. Severino, *Fernando Pessoa na África do Sul. Vol. II, A Educação Inglesa e a Obra de Fernando Pessoa*, Marília, 1970, p. 121.

O livro de Jennings ajuda a compor o panorama cultural de Durban no tempo de Pessoa e a construir uma imagem mais plausível da vida do futuro poeta no novo lar de sua mãe: um ambiente familiar calmo e relativamente feliz, como Pessoa não voltará a ter. Desdramatiza, assim, o *τραῦμα* psicológico do segundo casamento da mãe a que tem sido dada excessiva importância.

Sobre a falta de conhecimentos aprofundados de Grego por parte do poeta, a leitura deste livro (p. 131) revela que Jennings conhece o artigo «O Globo Mundo em sua mão», mencionado na recensão anterior, embora o não cite. Referindo-me às traduções dos epigramas gregos da *Antologia Palatina*, escrevi nesse artigo: «Um rápido exame destas versões, em confronto simultâneo com o original da Antologia e a interpretação de Paton (Loeb Classical Library), inclina-me a ver nelas mais uma tradução do inglês que do grego.»

Quando há vinte e dois anos fiz esta afirmação em *Colóquio*, não me era possível explicar como cheguei a tal conclusão, porque a revista onde publicava o artigo não era um periódico de Filologia Clássica em que pudesse comentar os versos do original. Mas a verdade é que eu comparara o texto grego com a tradução de Pessoa e chegara à conclusão de que esta se encontrava mais próxima do inglês de Paton que do grego da Antologia.

Numa revista como *Humanitas*, são os aspectos greco-latinos da formação de Pessoa que principalmente interessam os leitores. Assim, comentarei uma afirmação de Jennings, ao alto da p. 127, no começo dum capítulo: «Em Portugal o latim foi sempre tratado com o respeito filial devido à língua mãe.»

O menos que pode dizer-se desta rotunda declaração é que ela é rotundamente falsa.

D. Carolina Michaëlis, que conhecia os portugueses muito melhor que o professor sul-africano, chamou-lhes em 1915 «latinófobos». E essa latinofobia já

(1) *The Durban High School Story*. Durban, 1966.

então era antiga e tem vindo a acentuar-se, de ano para ano, sendo hoje uma das notas dominantes da «incultura» portuguesa.

Como no artigo já citado escrevi, quando Pessoa estudou em Durban, o número de autores latinos que teria de conhecer num curso de liceu completo em Portugal, se pretendesse frequentar estudos de Letras, não era inferior ao daqueles que estudou na África do Sul. Mas havia neste país de cultura inglesa um respeito pela importância da educação clássica que se não encontrava, há muito, em Portugal. E Pessoa só ganhou com isso.

A. C. R.